Lusíada
Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Antunes, João de Brito Pires, 1958-

A cidade como que desapareceu

http://hdl.handle.net/11067/5026

Metadados

Data de Publicação 2011

Tipo bookPart

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-11-14T23:32:58Z com informação proveniente do Repositório

http://repositorio.ulusiada.pt

A CIDADE COMO QUE DESAPARECEU

JOÃO ANTUNES Mestre Arquitecto / Universidade Lusíada de Lisboa

"aqueles que sonham de dia estão cientes de muitas coisas
que escapam àqueles que só sonham de noite."
Edgar Allan Poe

E de repente sem qualquer aviso prévio ou prenúncio, a cidade desapareceu.

Desvaneceu-se.

Pelo menos como até agora a conhecíamos.

A reconhecíamos. Em absoluto.

As cidades contemporâneas foram esventradas, dissecadas pelos seus subúrbios.

Foram sugadas, consumidas, deslocalizadas. Pelas suas periferias.

Por vezes os meios justificam o fim. Como neste caso.

E os meios são as acessibilidades. A possibilidade de deslocações. Mais céleres, rápidas, curtas. Rápidas mesmo que compridas. Ou seja, distantes.

Desde que o factor distância seja suplantado pelo tempo. O tempo em detrimento da distância.

Os automóveis, uma rede de transportes ampla e eficaz. Uma teia de infra-estruturas viárias que possibilitou a mutação. Sobretudo promoveu.

Uma rede de transportes públicos que aproximou e promoveu as deslocações. As viagens de avião apenas agora entendidas como transporte público. Pela diversidade de oferta.

O surgimento de voos *low-cost* que encorajaram e promoveram a emigração.

A permanente rotatividade em busca de novas oportunidades, que tornou o universo global.

Por aproximação. Por possibilidades, de deslocação.

Essa mobilidade que veio acentuar a diversificação cultural nas grandes metrópoles, e ao mesmo tempo homogeneizá-las. Pela descaracterização. Pela caracterização, por uma aproximação nova, porque diferente.

A dimensão em detrimento da escala.

A escala enquanto dimensão humana. Confortável, citadina.

A dimensão (vastidão) enquanto escala sobre-humana. Subúrbios.

Nasce assim uma nova ordem. A desordem como novo paradigma no crescimento das grandes metrópoles.

O sentido de um centro como núcleo agregador e gerador, esvaiu-se. Estamos agora perante a alucinação de uma única imagem para todas as periferias de todo o mundo.

Uma única imagem.

Uma imagem única. Repetitiva e repetida vezes sem conta. Contendo as mesmas deficiências, as mesmas fraquezas e possíveis virtudes. Homogénea porque estruturalmente igual.

Uma imagem única. Para todas as periferias de todo o mundo. Porque todas as periferias se assemelham. Nas suas poucas ou nenhumas virtudes, sobretudo nos defeitos.

Imensos. Enormes. Pelas dissonâncias, pelas assimetrias.

O sentido de um centro como núcleo agregador e gerador, esvaiu-se. Estamos agora perante a alucinante (alucinação) de uma única imagem para todas as periferias de todo o mundo.

Uma única imagem.

Uma imagem única.

Para todas as periferias. Porque todas as periferias se assemelham. Nas suas virtudes, se é que elas ainda existem. Sobretudo nos defeitos, imensos, enormes.

Na dimensão. Na desproporção.

No despropósito mesmo. Na ausência.

De relações. De escala. De referências.

Simplesmente porque todos os referenciais ou a ausência dos mesmos lhes é comum.

Familiar e intrínseco.

Não é suposto falar de periferias e imaginar de outro modo. Diferente.

Nas periferias das grandes urbes não se fala já de cidade. Porque não imperam aí as questões emergentes de carácter urbano. A periferia das grandes metrópoles peca pela estruturação. Pela ausência de uma estrutura prévia. Basilar.

Pelo lugar do domínio público, comum. Que ainda existe e persiste.

Pela ausência de referências. Que provavelmente jamais ali existirão. Ícones de mau sentido, desqualificados.

Desqualificação é o termo. Ausência de referenciais, densidades absurdas, quer seja em demasia, ou simplesmente pela falta dela. Ausência de elementos agregadores do domínio público. Fundamentais, basilares mesmo. Sem os quais não existe sentido, urbano.

Nas periferias das grandes urbes não se fala já de cidade. Porque não imperam aí as questões emergentes de carácter urbano. Público. Social e Cívico.

Por outro lado não se fala ainda de campo. Ou já não se fala também de campo, de rural.

Porque também aí as condições tradicionais não se colocam. Foram alteradas, foram deturpadas. Não há já lugar a um tempo bucólico e lento, rural.

Coexiste então uma mole imensa de sobreposição de layers. Onde habita o modo tradicional, que convive com formas estranhas de urbanidade, sobretudo sobrevivência.

Complexa. Pela disseminação de culturas. Emigrantes, migrantes.

Prolifera um crescimento desordenado, caótico e denso, de diversas formas de coexistência, de sobrevivência.

Porque acima de tudo é de sobrevivência que muitas vezes se trata.

Se ao longo do século XX, a transição para a periferia tinha como objectivo primordial, a melhoria de condições e qualidade de vida, pela busca de uma "redução" de velocidade diária que se antecipava já, e que começava a escassear nas grandes cidades, que incontroladamente continuavam o seu crescimento, mesmo que caótico e periférico,

Sinónimo então de prosperidade, riqueza, sucesso emergente, e porque não dizê-lo bemestar e qualidade de vida.

Que muitos buscavam já então na periferia. Ao fugirem do buliço do quotidiano. Maquinal.

Frio, impessoal e infernal.

Provavelmente porque impossível já de travar. Por questões económicas. Por questões políticas.

E a forma democrática que se desenvolveu ao longo da segunda metade do século XX veio possibilitar tudo isso. Veio sobretudo condicionar. O hipotético conflito de uma classe emergente e de sucesso, com residências periféricas, segundas habitações, casas de fim-de-semana, que colidiram com habitações clandestinas, primeira habitação de recurso para quem não tinha recursos.

Mais tarde a hipotética "ascensão" de uma mesma classe desfavorecida, sobre outra dominante, mas agora com acesso directo a plataformas de crédito fácil e guloso, possibilitando novas formas de vida, até aqui distantes e improváveis.

A democratização e a standardização de produtos e bens, agora acessíveis a todos.

A aparente facilidade de acesso aos meios. Uma forma aparentemente barata de aceder ao dinheiro. As próprias instituições bancárias até aqui tidas como impérios impenetráveis, inacessíveis, que se aproximaram das populações sedentas de facilidades de acesso. Ao crédito.

Por ser possível dispor agora de tudo o que até aqui só estava ao alcance de alguns.

Casas, carros foram transaccionados indistintamente pela mera possibilidade. De lhes aceder.

Pelo aparente facilitismo. E assim as cidades cresceram e reproduziram-se. Apenas no seu seio. Periférico. Não surgiram de facto cidades novas. Possibilidades novas.

Sobretudo possibilidades diferentes.

Acima de tudo assistiu-se ao crescimento desmesurado das grandes cidades. Para onde convergiam os cidadãos. Todos os cidadãos em busca de um quotidiano melhor. Das zonas rurais agora em decadência, face ao crescimento faminto das indústrias.

Em finais do século XX o crescimento acelerou. Despoletado pela crise agora da própria indústria. Pela falência das possibilidades locais. O mundo em permanente movimento e mutação. A própria economia sempre ávida, em busca de melhores condições para se instalar. Abandonando, deixando para trás um rasto sem contemplação, de decadência regional. Local.

Que mostrou ao mundo a possibilidade de uma nova vaga de migrantes. Acelerada pela nova democratização. Dos voos

low-cost. Uma novidade que aumentava, expandia as possibilidades, aumentava o raio de liberdade e acção.

Transaccionava-se a possibilidade de viajar, de procurar novas e melhores condições, hipotecando o crescimento até então sustentado – do centro para as periferias.

E com esses movimentos migratórios, novas questões se colocavam às periferias urbanas. Porque é sobretudo para lá que convergem e dirigem os emigrantes. Porque é aí que inicialmente se instalam. Por desconhecimento, por facilitismo.

Difundindo e confundindo. Coabitando numa miscelânea de culturas.

Que desordenaram ainda mais as zonas periféricas, pelos diferentes modos de vida. De interacção. De socialização.

Que contaminou mesmo que mais tarde, os centros. De si já desertificados. Pelo custo imenso de aí se tentar residir. Mas no entanto disponíveis.

O que possibilitou às zonas mais antigas e degradadas, uma nova revitalização. Mesmo que por vezes sem melhorias. Apenas diversificação. De seres oriundos dos lugares mais díspares, culturas muito distantes que coexistem agora em cidades que desconhecem, enriquecendo e alterando o quotidiano dos bairros tradicionais. Provavelmente num processo de descaracterização que invariavelmente as irá futuramente caracterizar.

A cidade agora entendida como um todo. Pela riqueza da confluência de provavelmente todas as culturas. Com a standardização emergente de um processo de globalização. E pelo seu crescimento inflexível. A deslocalização do seu centro, agora móvel, até aqui imutável.

Tudo se encontra em permanente movimento, sendo uma mutação aceite e até consciente. Para todos os que habitam e usam as grandes metrópoles.

Num simples processo emergente, como no filme Dark City, onde estranhos transformavam todas as noites a estrutura da cidade, despertando assim todos os dias numa cidade nova, numa cidade diferente.

Como se já houvesse lugar à memória, como se não interessasse a ausência de referências, como se fosse indiferente, estar sempre perdido na sua própria cidade.

Ou como refere Paul Virilio “as pessoas deixaram de ser cidadãos, tornaram-se passageiros em trânsito.” É também esta a consciência das cidades actuais. Alterações quase diárias que interferem com as rotinas dos cidadãos. E dos transeuntes. O

simples cidadão que perde a identidade e a identificação perante a sua própria cidade.

O mundo convergindo e diversificando as cidades a nível global. Num processo lento e demasiado rápido de caracterização. Pela sua descaracterização. Que as irá inevitavelmente aproximar. Porque torná-las-á num todo. Único, em uníssono.

Assim, e de repente, sem qualquer aviso prévio ou prenúncio, a cidade tal como até aqui a entendíamos e reconhecíamos, desapareceu.